

ΔΕΣΜΟΙ ΦΙΛΙΑΣ
BONDS OF FRIENDSHIP
STUDIES IN ANCIENT HISTORY
IN HONOUR OF
FRANCISCO JAVIER FERNÁNDEZ NIETO

JOSÉ CARLOS BERMEJO BARRERA
MANEL GARCÍA SÁNCHEZ
(eds.)



UNIVERSITAT DE
BARCELONA

Edicions

Universidad de Barcelona. Datos catalográficos

Desmòi philias = Bonds of friendship : studies in ancient history in honour of Francisco Javier Fernández Nieto. – 1.ª edición. – (Col·lecció Instrumenta ; 58)

Títol preferit transliterat del grec
ISBN 978-84-9168-043-7

I. Bermejo Barrera, José Carlos, 1952- editor literari II. García Sánchez, Manel, editor literari III. Títol paral·lel: Bonds of friendship IV. Col·lecció: Instrumenta (Universitat de Barcelona) ; 58
1. Fernández Nieto, Francisco Javier 2. Història antiga 3. Homenatges

© Edicions de la Universitat de Barcelona

Adolf Florensa, s/n
08028 Barcelona
Tel.: 934 035 430
Fax: 934 035 531
comercial.edicions@ub.edu
www.publicacions.ub.edu

1.ª edición: Barcelona, 2017

Director de la colección: JOSÉ REMESAL
Secretario de la colección: ANTONIO AGUILERA

CEIPAC
<http://ceipac.ub.edu>

Sello de Calidad en Edición Académica. Promovido por la Unión de Editoriales Universitarias Españolas (UNE) y avalado por la Agencia Nacional de Evaluación de la Calidad y Acreditación (ANECA) y la Fundación Española para la Ciencia y la Tecnología (FECYT).

Unión Europea: *The research leading to these results has received funding from the European Research Council under the European Union's Seventh Framework Programme (FP7/2007-2013/ ERC grant agreement n° 340828.*

Gobierno de España: DGICYT: PB89-244; PB96-218; APC 1998-119; APC 1999-0033; APC 1999-034; BHA 2000-0731; PGC 2000-2409-E; BHA 2001-5046E; BHA2002-11006E; HUM2004-01662/HIST; HUM200421129E; HUM2005-23853E; HUM2006-27988E; HP2005-0016; HUM2007-30842-E/HIST; HAR2008-00210; HAR2011-24593; HAR2015-66771-P (MINECO/FEDER, UE).
MAEX: AECl29/04/P/E; AECl.A/2589/05; AECl.A/4772/06; AECl.A/01437/07; AECl.A/017285/08.

Generalitat de Catalunya: *Grup de Recerca de Qualitat*: SGR 95/200; SGR 99/00426; 2001 SGR 00010; 2005 SGR 01010; 2009 SGR 480; 2014 SGR 218; ACES 98-22/3; ACES 99/00006; 2002ACES 00092; 2006-EXCAV0006; 2006ACD 00069.



Ref.: 2007-1765/001-001 CTU COOPMU of the European Commission (Programme Culture 2007)

Montaje: Mateo González Vázquez

Ilustración de la cubierta: Caspar David Friedrich, *Junotempel in Agrigent* (1828-1830). Óleo sobre lienzo, 54 × 72 cm. Museum für Kunst und Kulturgeschichte, Dortmund.

Impresión: Artes Gráficas Soler, S.L.

Depósito legal: B-25.326-2017

ISBN: 978-84-9168-043-7

Queda rigurosamente prohibida la reproducción total o parcial de esta obra. Ninguna parte de esta publicación, incluido el diseño de la cubierta, puede ser reproducida, almacenada, transmitida o utilizada mediante ningún tipo de medio o



FRANCISCO JAVIER FERNÁNDEZ NIETO

Índice general

Presentación (José Remesal Rodríguez)	11
Prof. Dr. Francisco Javier Fernández Nieto (8. 12. 1944): <i>Curriculum</i>	13
El “medianeto”, una institucion de origen celta en los fueros de Extremadura (Martín Almagro Gorbea)	23
Alejandro en la nao capitana (336 - 323 a. C.) (Víctor Alonso Troncoso)	43
Filología a tumba abierta (Ramón Baltar Veloso)	53
Religiöser Fundamentalismus im späten römischen Reich Strömungen, Tendenzen, Wirkungen (Pedro Barceló)	57
Historia antiqua sub specie melancholiae (José Carlos Bermejo Barrera)	73
Barbaren bei Plinius d. ä. und seinem „Affen“ Solinus: vom Kulturbezogenen zum geographischen Barbarenbegriff (Kai Brodersen)	87
La <i>pecunia publica et alimentaria</i> traiana e l’origine di una <i>gens</i> di magistrati di Locri Epizefiri (Felice Costabile)	95
A singularidade cultural do SW da Lusitânia romana (José d’Encarnação)	105
Balnearios y divinidades indígenas testificadas en la epigrafía de época romana en la Península Ibérica: reflexiones en torno a Bormanico (Francisco Díez de Velasco)	123
Rechtsunsicherheit heilen: Hadrian und seine Prätorianer am Beginn seiner Regierung (Werner Eck)	137
Magno, cónsul occidental del 460 ¿También fue comes Hispaniarum? (Luis García Moreno)	145
El Gran Rey de Persia en la ópera (Manel García Sánchez)	157

TANTAΛΟΥ ΚΗΠΟΙ y banquetes mágicos (Manuel García Teijeiro)	179
<i>Ius privatum</i> and <i>ius publicum</i> in Roman Law – Some Reflections (Gábor Hamza)	191
El estudio arqueológico de la religión: una búsqueda sin fin (María del Mar Llinares García)	42;
Nuove riflessioni su IC IV 72 col. II 16-20 (Alberto Maffi)	245
Mecenas y las aves (Santiago Montero Herrero)	255
Religión y astrología en el <i>Tetrabiblos</i> de Tolomeo o las servidumbres del sistema (Aurelio Pérez Jiménez)	265
Nessi epigrafici nei <i>tituli</i> di <i>Mediolanum</i>: arrangemento o arricchimento? (Antonio Sartori)	27;
Dejados para el pasto de las aves. Un motivo en vasos y relieves del norte de Hispania y de las culturas celtas, etruscas y griegas (Thomas Schattner)	293
Observaciones sobre la inscripción lusitana de Arronches (Jaime Siles Ruiz)	357
The bronze coinage of Iberian Irippu after Sextus Pompeius (?) Politics and necessity in an age of uncertainty (Robert W. Wallace)	36;
Advertencias a mis verdaderos discípulos (Francisco Javier Fernández Nieto)	383

A SINGULARIDADE CULTURAL DO SW DA LUSITÂNIA ROMANA

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO¹

CEAACP – Universidade de Coimbra

Hesitei em optar por este tema. Na verdade, o meu relacionamento com o mundo linguístico pré-romano deriva do facto de ter escolhido para tese de licenciatura a investigação sobre as divindades a que preferi classificar de «indígenas» e de ter havido necessidade, para lhes definir eventuais atributos específicos, de lançar mão à Linguística, pois se parte do princípio de que, desde sempre, o Homem chamou às ‘coisas’ o que elas lhe pareciam ou a função que lhes atribuía: o nome identifica! Por isso, se logarmos compreender o significado da palavra, compreenderemos o que, com ela, se quis realmente transmitir.

Nunca, porém, consegui embrenhar-me pelos estranhos meandros dos sons pré-romanos e, sobretudo, das suas (para mim...) estranhas representações gráficas. Que mo perdoem os ilustres confrades, designadamente no seio dos colóquios que vamos promovendo sobre as línguas e as culturas paleo-hispânicas.

A «singularidade cultural» que ora pretendo realçar no Sudoeste da Lusitânia romana deriva, no entanto, dessa, em meu entender, deusas evidente interpenetração das manifestações culturais romanas com as manifestações culturais pré-existentes.

Essa evidência apresentou-se-me desde logo quando, para o estudo da epigrafia do *conventus Pacensis* (IRCP), visitei a colecção do Padre Serralheiro, em Messejana. A maior parte das epígrafes

¹ José d'Encarnação [jde@fl.uc.pt]

aí recolhidas eram estelas de xisto; algumas tinham linhas auxiliares para mero efeito estético, a lembrar as estelas epigrafadas da I Idade do Ferro que por essa zona também se haviam encontrado; e a onomástica patenteava uma aculturação nítida. Não hesitei em dar a conhecer de imediato o que encontrara (1978) e perguntava-me no final:

«Os traços individualizantes detectados epigraficamente terão correspondência histórico-cultural? Ou, por outras palavras, o estrato populacional que, nos começos do Império, habitou o Sudoeste alentejano terá características socioeconómicas e étnicas que o distingam da restante população?».²

‘Ousadia de iniciado’, essa, poderia ter-se proclamado. O certo é que a continuação da investigação acabaria por sugerir que devia ser afirmativa a resposta à questão assaz prematuramente levantada.

Debrucemo-nos, pois, de novo sobre alguns desses nomes, a fim de procurarmos consolidar, ou não, a ‘impressão’ inicial.

IRCP 124

Temos, em IRCP 124, de Ourique, *C. Atilius Statullus*.

O atlas que lográmos concretizar³ permite-nos verificar que os testemunhos do *nomen Atilius* se situam em zonas precocemente procuradas, como é o caso da região de *Olisipo*, registando-se também em *Emerita* uma *Atilia Firmilla* e uma *Atilia Nicopolis*, passíveis de se integrarem no rol de libertas. O pedestal de S. Bartolomeu de Messines (IRCP 60), de uma estátua de prata a Júpiter Ótimo Máximo, dedicada por *L. Atilius Atilianus* e sua mulher, *Artullia Severa*, em memória do filho, *L. Atilius Maximus Severianus*, que, pela ocorrência de dois *cognomina*, poderemos situar nos finais do século II, mostra, por um lado, a permanência de *Atilii* na zona e, por outro, o seu poder económico. Aliás, não será despiciendo referir também que, numa das sumptuosas *villae* dos arredores de *Pax Iulia*, o escravo *Catulus* manda fazer um altar a *Salus pro G. Atilio Cordo nostro* (IRCP 290). E *Atilius* é, como se sabe, antropónimo de forte conotação tradicional, que remonta ao século III a. C.⁴

Statullus continua a ser testemunho único na Lusitânia. Kajanto⁵ apresenta-o como primeiro exemplo de *cognomen* derivado de um *nomen*, citando o caso de *Statia Statulla* (CIL V 5663, de Lambrugo, *Regio XI*); no âmbito do CIL, apenas detectou mais um testemunho (CIL XI 871, de Modena). A consulta à base de dados de Clauss – Epigraphik-DatenBank Clauss-Slaby (doravante identificada pelas siglas EDCS) – permitiu concluir que mais testemunhos não se registaram até ao momento.

² J. D’ENCARNAÇÃO, Estelas romanas inéditas do Sudoeste alentejano, *Conimbriga* 17, 1978 41-53, 53. <http://hdl.handle.net/10316/30048>.

³ M. NAVARRO CABALLERO; J. L. RAMÍREZ SÁDABA [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus 2003, mapa 43, 103.

⁴ É significativo o número de *Atilii* que integram a lista de cônsules nessa época, sendo bem conhecidos os *Atilii Reguli*, por exemplo. Cf. P. BATLLE HUGUET, *Epigrafia Latina*, Barcelona ²1963, 142.

⁵ I. KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Roma 1965, 38; reimp. 1982.

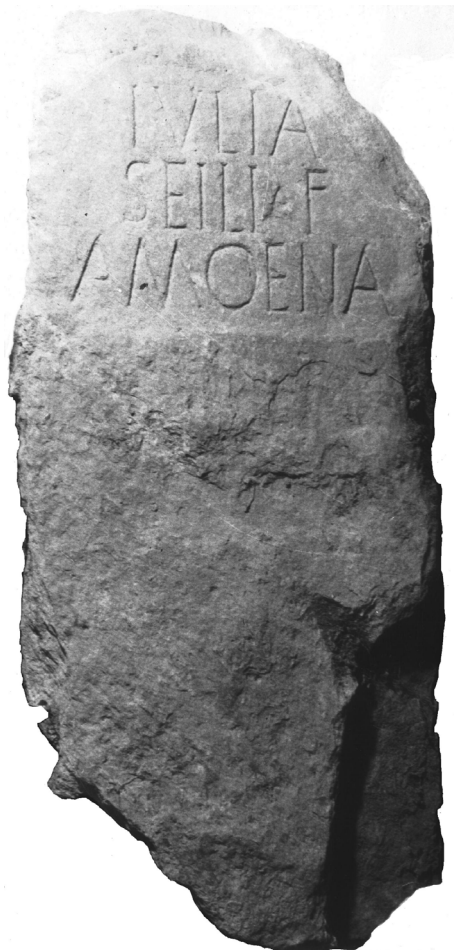


Fig. 1 – IRCP 126.

IRCP 126 (FIG. 1)

Estela de xisto, com linhas auxiliares duplas, bem visíveis. Epitáfio de grande singeleza: *Iulia / Seili · f / Amoena*.

A ocorrência do *nomen Iulius* – dado tratar-se do primeiro gentilício imperial – não deixa de ser significativa: eu já assinalara⁶ que, na região, se registara 7 vezes em 12! Aqui, todavia, é o nome do pai que merece maior atenção: *Seilius* ou *Seilus*.

Esta grafia do antropónimo parece ser única até agora. De facto, para além dos *Seilienses* conhecidos – a identificar naturais de *Seilium* ou *Sellium* (actual cidade de Tomar, no antigo *conventus Scallabitanus*)⁷ – o SEILIV/O (?) atestado na *Numidia* (CIL VIII 19 413) é assaz duvidoso; e o *Caius*

⁶ J. D'ENCARNAÇÃO, *op. cit.*, 53.

⁷ *C. Attius Attianus Rufinus Seiliensis*, referenciado em La Coruña (CIL II 2562) e *G. Valerius Iulianus Seiliensis*, cujo epitáfio se encontrou em Lorzão. A propósito deste último, cuja lápide tumular se guarda no Museu Nacional de Arqueologia, José Cardim Ribeiro, que a estudou para o catálogo da exposição *Saxa Loquuntur* (J. C. RIBEIRO, [coord.], *Religiões*

Seilius, de CIL XIV 5110 (*Regio I*), afigura-se também estranho, quando se verifica que aparece junto a três *Caii Sillii* (poderá tratar-se de lapso do lapicida). De notar, em CIL X 4697 (Campânia), o dativo *Satriae Seilidi*, que aponta para um nome etimologicamente grego: *Seilis, idis*, de que, no entanto, também parece não haver mais testemunhos.

José María Vallejo, ao estudar este nome, escreve: esta «filiación de una ciudadana, plantea la duda de que se trate de un verdadero nombre, indígena (relacionado, por ejemplo, con *Seiliensis*, CIL II 2562 + *CIRG* 1 78) o latino, emparentado con el *nomen Sel(l)ius*». ⁸ Refere-se-lhe mais uma vez, ⁹ apenas para o incluir entre os ‘nomes sem sufixação’.

Em conclusão: uma aproximação ao topónimo *Seilium* não se afigura, à partida, despicienda. Trata-se, porém, de simples ‘aproximação’, que não traz explicação viável para a etimologia do antropónimo. Outras aproximações fonéticas se poderão fazer:

– com *Saelius* ou *Sailcius* e *Saelgius*, nomes aduzidos por Francisco Villar¹⁰ no âmbito celtibérico, sem que, porém, aí estabeleça qualquer relação com este genitivo *Seili*,¹¹

– ou, ainda, com a *Sahelicia Delphis*, testemunho perdido de *Corduba*, sobre que Armin U. Stylow nada mais pôde acrescentar senão repetir o que Lourdes Albertos escrevera: «quod nomen aliud ignotum est» (CIL II²/7 488).

Mantenho, por isso, o que se me afigura mais plausível: estamos perante a latinização de um nome do estrato indígena, cuja etimologia poderá vir a colher-se na onomástica de teor celtibérico. Não hesitaria, pois, em o juntar a *Saelcius*, *Saelgius*, *Sailgius*, um dos exemplos que Abascal apresenta para documentar que «gran parte de las grafías que figuran sobre las inscripciones son resultado de la impericia o desconocimiento del grabador del texto». ¹² Neste caso, o lapicida procurou adaptar ao esquema habitual o estranho som que lhe transmitiram. E usou a norma identificativa usual: a filha vem mencionada já com gentílico (neste caso, o imperial *Iulius*) e com um dos cognomes latinos de maior aceitação entre os hispânicos: *Amoena*.¹³

da Lusitânia – Loquuntur Saxa, Lisboa 2002, 549-550), faz referência a *Lutetia Saeliensis*, que considera «ortografia foneticamente equivalente – pelo menos em certa época – a *Seiliensis*» (550); contudo, Armin U. Stylow (CIL II²/7 927), confirma que esta epígrafe, dada como achada em Quintana de la Serena (*Iulipa, Baetica*) está perdida («Frustra quaesivi a. 1987»), mas opina que «cognomen potius quam originis indicatio latere videtur» e sugere que se confronte com o nome cristão *Salie(n)sis*.

⁸ J. M. VALLEJO RUIZ, *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz 2005, 478.

⁹ J. M. VALLEJO RUIZ, *op. cit.*, 538.

¹⁰ F. VILLAR, *Estudios de celtibérico y de toponimia prerromana*, Salamanca 1995, 61.

¹¹ No índice do «material onomástico hispano» apresentado por Jordán Cólera, no seu livro sobre o celtibérico (*Celtibérico*, Zaragoza 2004, 420), não figura também nem *Seil(i)us* nem algum outro antropónimo cuja etimologia possa relacionar-se com este.

¹² J. M. ABASCAL PALAZÓN, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Murcia 1994, 32.

¹³ No citado *Atlas da Lusitânia*, datado de 2003, ultrapassava já as sete dezenas o número de testemunhos epigráficos de *Amoenus/a* (M. NAVARRO CABALLERO; J. L. RAMÍREZ SÁDABA [coord.], *op. cit.* 85-87, mapa 22).



Fig. 2 – IRCP 127 (desenho de Cenáculo).

IRCP 127 (FIG. 2)

Baseei a leitura no desenho apresentado no manuscrito de Frei Manuel do Cenáculo: *Iulia Mermandi f. Brocina*. E creio que mantém actualidade e é pertinente o meu comentário de 1984:

«Índigena romanizada, apresenta um cognome, latino,¹⁴ que aparece na Dácia (CIL III 6361), em Badajoz (CIL II 992 = ILER 2765) e em Santiago do Cacém (nº 153).¹⁵ Seu pai usa um antropónimo indígena, *Mermandus* = *Melmandus*¹⁶ (cf. Albertos, *O. Hisp.* 1966, 155); de notar que em Buenafuente (*Conv. Cluniensis*) (CIL II 5790) se documenta um *Letondo*, filho de *Melmandus*, nomes também atestados nesta zona (nº 130), cuja onomástica de origem celtibérica e cuja inserção dos elementos indígenas no meio romano através da *gens Iulia*, são inegáveis e permitem datar estes monumentos do século I» (IRCP, p. 192).

Corrija-se a adscrição de CIL II 5790, que é ao *conventus Caesaraugustanus*. E confirma-se que, além das ocorrências referidas em relação a *Mermandus* / *Melmandus*, de nenhuma mais há notícia.¹⁷

¹⁴ I. KAJANTO, *op. cit.*, 238.

¹⁵ Kajanto dá a entender que a grafia mais correcta é *Brochina*; no entanto, a forma peninsular é *Brocina*; aliás, Kajanto não cita este exemplo. O nome tem um significado concreto: «a dos dentes grandes»...

¹⁶ M. L. ALBERTOS FIRMAT, *La Onomastica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense y Betica* (= *O. Hisp.*), Salamanca 1966, 155.

¹⁷ A novidade a assinalar pode ser a de que, na ara da região de Sintra que se considerou consagrada a *Mandiceo* (J. D'ENCARNAÇÃO, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o Seu Estudo)*, Coimbra 2015, 232 e 407. Acessível em: http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub_online/pdfs_online/1975_Divindades), propuseram Carlos

As características celtibéricas deste antropónimo não padecem contestação. Aceita-se que seja uma variante fonética de *Melmandus*,¹⁸ e tanto Villar¹⁹ como Jordán²⁰ o relacionam com *melmanzos*, tecendo sobre estas palavras considerações de teor linguístico que o integram claramente em ambiente celtibérico. Da mesma opinião é Vallejo: «se trata de nombres indígenas hispanos, concentrados en Celtiberia y Lusitania, con pocos paralelos fuera de Hispania».²¹

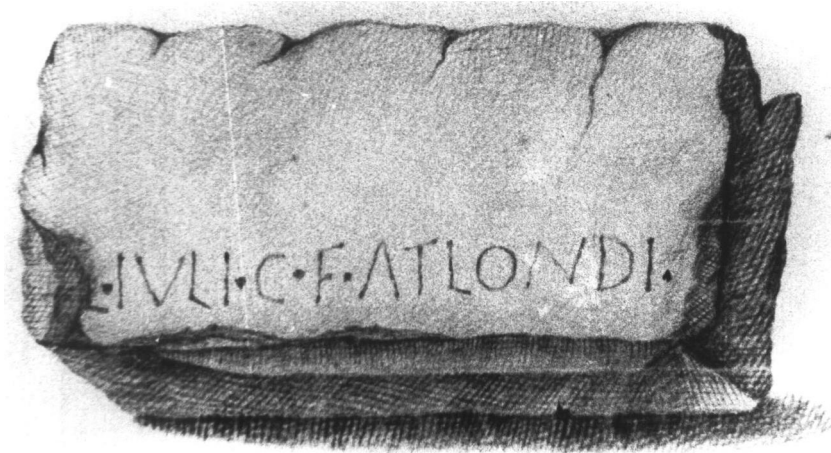


Fig. 3 – IRCP 129 (desenho de Cenáculo).

IRCP 129 (FIG. 3)

Voltei a analisar mui recentemente²² IRCP 128, uma estela de xisto procedente de Casével, Castro Verde, que traz o epitáfio de *Iulia G. f. Materna*, pelo que apenas se anota agora, aqui, a presença do *nomen Iulius* e a adopção de um dos cognomes de parentesco de «posição relevante em todo o Ocidente».²³

Em relação a IRCP 129 – *C. Iuli C. f. Aplondi* – chamar-se-á a atenção para a singularidade do *cognomen*, que mereceu comentários de teor linguístico, como aí se refere, de autores como Palomar Lapesa e María Lourdes Albertos, que o põem em paralelo, do ponto de vista etimológico, «com uma raiz **apelo*, força, existente em céltico, em ilírio e em germânico».

Búa e Amílcar Guerra (Consideraciones acerca del epígrafe del árula de Madre de Deus, in J. C. RIBEIRO [coord.], *Diis · Deabusque (Actas do II Colóquio Internacional de Epigrafia «Culto e Sociedade» [Sintra, 16-18.03.1995], Sintria III-IV, 1995-2007 [2011], 79-96, 1995, 93-94) que deverá ler-se *Mermandiceio*, teónimo que relacionam com *Mermandus*. Nada acrescentam, porém, em relação ao antropónimo em si.*

¹⁸ Cf. F. VILLAR, *op. cit.*, 41, n. 16.

¹⁹ F. VILLAR, *op. cit.*, 41.

²⁰ C. JORDÁN CÓLERA, *op. cit.*, 72.

²¹ J. M. VALLEJO RUIZ, *op. cit.*, 360 s.

²² M. M. A. DIAS, Inscrição funerária de Casével (Castro Verde), *Ficheiro Epigráfico* 18, 1986, n.º 83; J. D'ENCARNAÇÃO, Os Romanos de Castro Verde (Conventus Pacensis, Lusitania), *Revista Portuguesa de Arqueologia* 19, 2016, 195-210, 200 s.

²³ J. M. ABASCAL PALAZÓN, *op. cit.*, 31

Esta opinião é partilhada por Villar, por Jordán e por Vallejo,²⁴ entre outros, evidenciando-se, em todos, o relacionamento com o vocábulo *Aplonicum* ou *Aploniocum*, de características etnonímicas (identifica uma ‘organização suprafamiliar’, para usarmos a designação de Lourdes Albertos), patente numa epígrafe de Alconétar.²⁵

Outros testemunhos se encontraram já, a distingui-lo de *Aplonius*, também documentado, sendo de salientar o facto de aparecer ligado a organizações suprafamiliares: *Aplondus Arquiaecus Surnae filius Mirob(rigensis)* (HEpOL, registo nº 4448); *Aplondus Dagenicum M(arci) filius* (*ibidem*, registo nº 8904).²⁶

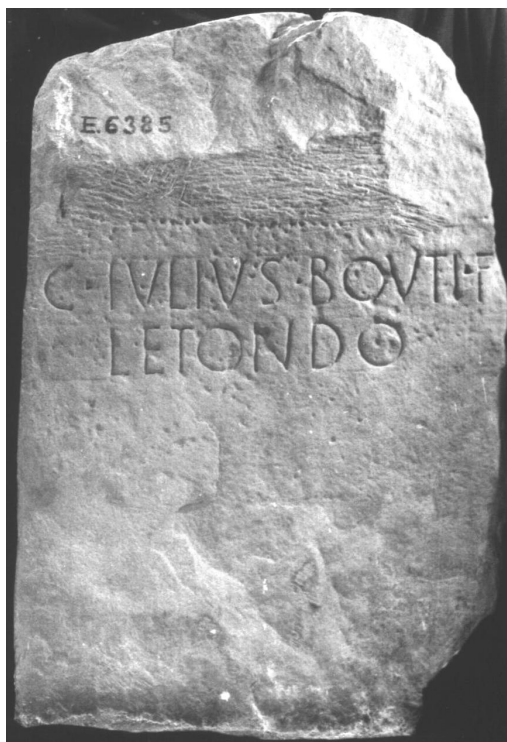


Fig. 4 - IRCP 130.

IRCP 130 (FIG. 4)

C. Iulius Bouti f. Letondo, referido nesta estela de xisto negro, com linhas auxiliares bem visíveis, é mais um testemunho de pertença à *gens Iulia*; do patronímico, *Boutius*, há muitos testemunhos dispersos pela Lusitânia;²⁷ e o seu *cognomen*, *Letondo*, tem sido considerado típico da onomástica celtibérica.²⁸

²⁴ Mormente J. M. VALLEJO RUIZ, *op. cit.*, 163.

²⁵ Trata-se do epitáfio de *Aecus Aploniocum Lougi filius Clu(niensis)* (HEpOL, registo nº 24 761).

²⁶ HEpOL, n.º de registo 21161 traz a hipótese de se ler *Atlonði*, que seria um *hapax*; os exemplos citados constituirão mais um argumento para se descartar essa hipótese. Daí essa leitura passou para EDCS-05500081, onde também se deverá corrigir.

²⁷ M. NAVARRO CABALLERO; J. L. RAMÍREZ SÁDABA [coord.], 117-119, mapa 118. Ver também J. M. VALLEJO RUIZ, *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz 2005, 216-222, que escreve: «*Boutius* conoce en Lusitania un desarrollo amplísimo: se distribuye por toda el área, incluyendo el *conventus Pacensis*, tan escaso en nombres indígenas. También otros centros, como el área de *Olisipo*, documentan una cantidad de antropónimos fuera de lo normal» (p. 221).

²⁸ Citado em todos os livros e artigos sobre os testemunhos onomásticos celtibéricos na Península Ibérica. Destaco, a

Creio poder afirmar constituir esta uma das epígrafes mais significativas do conjunto que estamos a analisar, não apenas pela sua simplicidade, mas, de modo específico, pelo misto de onomástica que apresenta: latina, indígena e celtibérica.



Fig. 5 - IRCP 131.

IRCP 131 (FIG. 5)

Igualmente se regista aqui uma singeleza total: *Laberia M. f. Coimia*.

Mais uma vez, um gentílico que ousaríamos qualificar de ‘clássico’, pelos testemunhos que tem desde tempos republicanos, mas que, no âmbito peninsular, se documenta em significativa escala na Lusitânia, pois que, dos 25 exemplos indicados em HEpOL, 20 são dessa província.²⁹

título de exemplo, J. M. VALLEJO RUIZ, *op. cit.*, 328-329 e *passim*. Francisco Villar aborda-o de um prisma primordialmente linguístico, como é seu uso, assinalando que «en la epigrafía latina de zona celtibérica aparece consistentemente escrito com dental sonora (LETONDO, etc.)» e adianta que «la etimología de este antropónimo, que solo se da en Hispania, nos es desconocida y no sabemos si nos enfrentamos en él a una /d/ o a una /t/ etimológicas» (F. VILLAR, *op. cit.*, 47).

²⁹ M. NAVARRO CABALLERO; J. L. RAMÍREZ SÁDABA [coord.], *op. cit.* 209, mapa 162.

Interessa-nos especialmente *Coimia*, que – a seguirmos, como escrevi em 1984,³⁰ a sugestão de Holder,³¹ que lhe atribui o radical celta **coimos*, querido – está mais perto do original etimológico que a forma *Coemea*, registada mormente em Lara de los Infantes.

O progresso da aculturação está patente na indicação da filiação mediante o *praenomen* latino do pai.

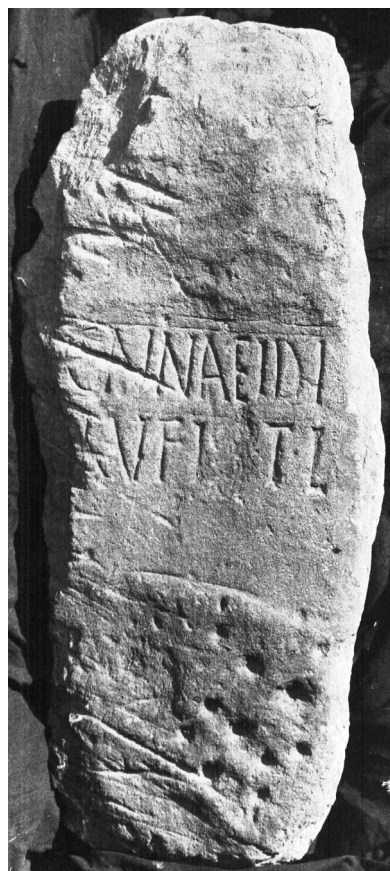


Fig. 6 - IRCP 135.

IRCP 135 (FIG. 6)

Estela de grauvaque, com linhas auxiliares duplas. O texto diz apenas: *Cn. Naeidi Rufi [s(it)] t(erra) l(evis)*.

Neste caso, a aproximação aos costumes romanos revela-se no uso, ainda que desajeitado, da fórmula funerária final. O *praenomen* *Cnaeus* não é nada frequente na epigrafia peninsular e, se *Rufus* se apresenta como um dos *cognomina* latinos de conotação concreta (de cabelo ruço ou de tez ruiva), sendo, por isso, muito comum, o que nos desperta a atenção é o carácter inusitado do *nomen*: *Naeidius*. É relacionável com *Naevidius*, de que pode ser uma variante ou resultar de distração do

³⁰ IRCP= J. D'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra 1984. <http://hdl.handle.net/10316/578>; *Épigraphie funéraire du conventus Pacensis – Un essai de distribution géo-sociologique des types de monuments*, in *Épigraphie Hispanique – Problèmes de Méthode et d'Édition*, Paris 1984, 297-300. <http://hdl.handle.net/10316/26767>

³¹ A. HOLDER, *Alt-celtischer Sprachschatz*, Leipzig 1896-1907.

lapicida. De *Naevidius* temos, em HEpOL, quatro testemunhos: os registros n^{os} 20 747, de Ruanes (Cáceres); 22 029, da Batalha (*Collippo, conventus Scallabitanus*); e 23 243, de Mérida, este no rol de membros de um *collegium*, identificando pai e filha. De *Collippo* há, porém, mais um testemunho, nem sempre lido assim: *Q. Naevidius Quir. Rufinus* (CIL II 340). Em EDCS, registam-se 12 epígrafes (entre as quais, naturalmente, estão incluídas as agora referenciadas, da Península Ibérica) em que se mencionam *Naevidii* e/ou *Naevidiani*.

Naeidius é, por conseguinte, testemunho único. Se, todavia, o considerarmos variante gráfica de *Naevidius*, numa simples observação, sem ir ao pormenor do que se conhece da ocorrência deste último, poder-se-á concluir:

– primeiro: não é um *nomen* frequente e não identificou nenhum personagem de relevo histórico;

– em segundo lugar, a sua ocorrência parece ter abarcado um largo período, uma vez que se tem notícia de grafitos (ou marcas) – na Úmbria *M(arci) Naevidi* (CIL XI 6689, 163) e se regista *T(iti) Naevidi Recepti*, de parte incerta (CIL XV 8359) –, epígrafes que, pelo seu teor, podem remontar aos primeiros tempos do Império; e CIL VIII 2564, de *Lambaesis*, na Numídia, inclui o *duplarius Naevidius Felix* no rol dos que, *devoti numini maiestatique* da família imperial, a homenageiam, no século III, por serem *regressi de expeditione felicissima orientali*.



Fig. 7 - IRCP 136.

IRCP 136 (FIG. 7)

Estela em dolomite esverdeada, onde se lê: *M. Postumi L. f.* Ou seja: ausência de *cognomen*; filiação à maneira latina; *praenomen* em sigla, como é de norma; *nomen* que, já se referia em 1984, é «característico da parte não-indoeuropeia da Península Ibérica» e de que é este o único testemunho no *conventus Pacensis*. E, mais uma vez,³² com presenças lusitanas em *Olisipo* e *Emerita*.



Fig. 8 - IRCP 139.

IRCP 139 (FIG. 8)

Da estela de grauvaque achada em Panóias, Ourique, apenas resta o final: [...] *Contuci f. Coilicus*.

Relacionou-se este genitivo com *Contuccius* (CIL VI 555) e referiu-se que María de Lourdes Albertos o incluíra nos nomes de etimologia pré-romana, passível de estar relacionado com o «artigo irlandês *tuag* (machado, arco?)». Identificou-se em Cuencas (Castilla-La-Mancha), como pai de *Octavia Ammica* (CIL II 3198) e, por duas vezes, em Roma: o senador (*vir clarissimus*) *Cheionius Contucius* (CIL VI 1706 = AE 2002, 263) e o (eventual) liberto *Contucius* que, com sua companheira *Philostrata*, mandaram fazer o sepulcro para o filho *in du[lcedine]* (EDCS 33100982).

Estes dois últimos testemunhos apontam, pois, no sentido de estarmos perante um antropónimo latino e não pré-romano. Contudo, não podemos deixar de referir CIL II 3120, de Cabeza del Griego, ainda que o texto se haja perdido e a leitura ofereça dúvidas; aí, após o nome *Montana* leu-se *Contucianco*, passível de ter o mesmo radical que *Contucius* e sobre que Hübner sugeriu a possibilidade de se tratar de um etnonímico: «*Contucianco gentis indicatio est*». E terá sido com esta base que Francisco Villar cita *Contucianco* – sem, todavia, o relacionar com *Contucius* – entre os exemplos de formas com final -o de «genitivo plural indoeuropeo prerromano», classificando-o como celtíbero,³³ incluindo-o mais adiante³⁴ no rol dos ‘adjectivos denominativos’ próprios da Celtibéria.

³² M. NAVARRO CABALLERO; J. L. RAMÍREZ SÁDABA [coord.], 268, mapa 240.

³³ F. VILLAR, *op. cit.*, 115.

³⁴ F. VILLAR, *op. cit.*, 141.

Na mesma linha segue Vallejo,³⁵ que, no entanto, já põe *Contucianc(on)* a par de *Contuci* e comenta:

«Tenemos aquí un nombre de apariencia indígena cuya localización no corresponde a la típica dispersión indígena en Lusitania, pues aparece en el sur, en pleno centro del *conuentus Pacensis*. Sus paralelos peninsulares se localizan en Celtiberia, cuya afinidad geográfica ya nos era conocida por otros nombres [...]».

Não deixa, todavia, de anotar, ao terminar as reflexões desse apartado referente aos nomes começados por *cont-*, que o facto de se haverem identificado os testemunhos que atrás aduzi, mormente em Roma, mostra serem «nombres demasiado semejantes para no pensar en un parentesco directo».³⁶

Aproveito o ensejo para relevar desde já que, mais uma vez, Vallejo remete aqui para as páginas 736-738, sob o título: «Nombres atestiguados únicamente en el *conuentus Pacensis*».³⁷ Aí apresenta as seguintes conclusões, absolutamente confirmadas com o que temos visto até agora:

«Podríamos decir, en resumen, que existen algunos rasgos que pueden utilizarse para caracterizar al *conuentus Pacensis*: en primer lugar, la relativa escasez de nombres indígenas en el conjunto de la onomástica transmitida, lo cual aboga por una mayor y más temprana romanización de la región. Entre los nombres indígenas, los hay de dos tipos: unos propios y exclusivos, aunque no forman series numerosas ni productivas, sino hápax, y otros relacionados con la Celtiberia, lo cual podría llevarnos a ver alguna relación con los asentamientos celtas que las fuentes situaban en las cuencas del Sado y el tramo inferior del Guadiana, étnicamente diferenciados de los lusitanos del norte; faltan, por tanto, en esta zona los nombres típicos de la Lusitania septentrional y central».³⁸

Por seu turno, *Coilicus* «atestar-se-ia pela primeira vez; deverá relacionar-se com a forma *Coili* patente em marcas cerâmicas (CIL II 6243² e 4963⁸)» – comentei em 1984.³⁹ Villar não se refere a este nome; apenas cita um outro, passível (a meu ver) de ser aparentado com ele, mas que inclui na área dos Vetões: *Coilionicu*, exemplo de «genitivo de plural indoeuropeo prerromano»,⁴⁰ sem qualquer especificação. Por seu turno, Vallejo cita este testemunho de Panóias no elenco dos nomes com radical *coil-*, «muy extendido por la península», sendo sua opinião que «la diferenciación entre nombres latinos e indígenas parece bastante clara: *Coelius*, -a corresponde al gentilicio latino, como lo demuestran sus fórmulas, y las demás derivaciones pertenecen ao fondo indígena», entre as quais cita, por conseguinte, *Coilicus*.⁴¹ A forma *Coilicus* continua a ser um *hapax* a nível da epigrafia do mundo romano.

³⁵ J. M. VALLEJO RUIZ, *op. cit.*, 290.

³⁶ J. M. VALLEJO RUIZ, *op. cit.*, 291.

³⁷ J. M. VALLEJO RUIZ, *op. cit.*, 736-738.

³⁸ J. M. VALLEJO RUIZ, *op. cit.*, 737.

³⁹ J. D'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra 1984. <http://hdl.handle.net/10316/578>; *Épigraphie funéraire du conventus Pacensis – Un essai de distribution géo-sociologique des types de monuments*, in *Épigraphie Hispanique – Problèmes de Méthode et d'Édition*, Paris 1984, 297-300. <http://hdl.handle.net/10316/26767>

⁴⁰ F. VILLAR, *op. cit.*, 114.

⁴¹ J. M. VALLEJO RUIZ, *op. cit.*, 287.

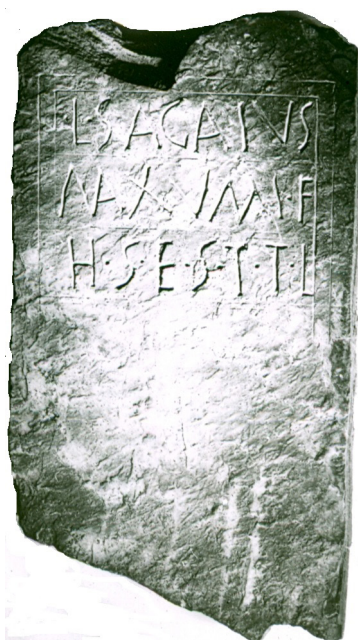


Fig. 9. FE 83 – Sagaius.

Tive ocasião de voltar a referir-me a esta epígrafe,⁴² que já representa um estágio mais avançado de aculturação, sobretudo se houvermos em conta a utilização da fórmula final mais completa, embora a ausência de *cognomen* e a menção do patronímico com um nome latino de uso comum logo desde os primórdios (*Maxumus*) nos continuem a sugerir uma datação precoce.

Diz o seguinte, num campo epigráfico em que as linhas auxiliares desempenham um papel estético relevante:

L(*ucius*) · SAGAIVS / MAXVMI · F(*ilius*) / H(*ic*) · S(*itus*) · E(*st*) · S(*it*) · T(*ibi*) · T(*erra*) · L(*evis*)

Prendeu-nos a atenção o *nomen Sagaius*, até agora ainda um *hapax*, mas a que se tem procurado atribuir uma filiação com antropónimos semelhantes: *Sagarius*, *Sagillia* e *Sagillus*. Carlos Jordán, ao estudar uma peça de bronze em forma de porco ou javali que ostenta uma inscrição em escrita pré-romana, lê aí o antropónimo *saka*, que, em seu entender, dado que há um *Saga* em Hinojosa del Duque (Córdoba), ambos «con seguridad relacionados están SAGAIO en Lusitania, SAGARICVS y SACVRO en Celtiberia».⁴³

⁴² J. D'ENCARNAÇÃO, *Sagaius – um novo gentílico romano documentado em Casével (Castro Verde)*, *Arquivo de Beja* 3, 1986, 133–140. <http://hdl.handle.net/10316/30049>

⁴³ C. JORDÁN CÓLERA, *op. cit.*, 262.



Fig. 10 – Estela pré-romana.

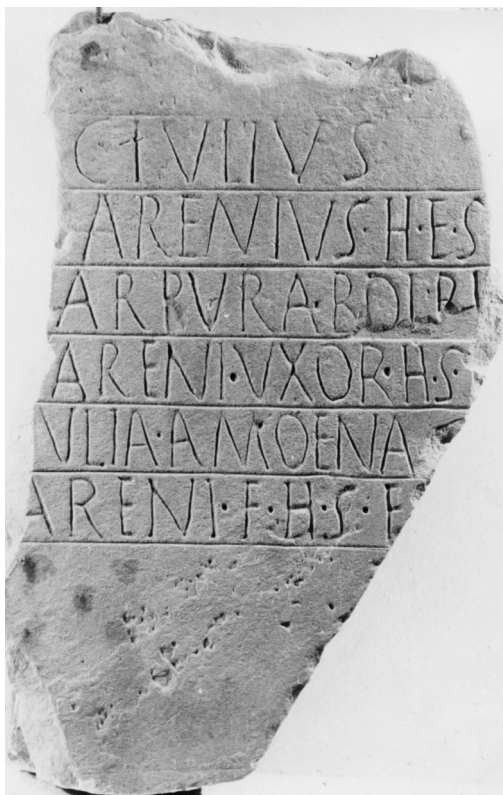


Fig. 11 – IRCP 66.

Trato destes dois nomes em conjunto porque foram alvo de estudo muito recente e, por conseguinte, apenas os refiro aqui para ficarem enquadrados neste significativo conjunto.

Foi feita a correcção, porque, na verdade, a epígrafe – aparentemente gravada numa das faces laterais da pedra, como terá acontecido em IRCP 129 atrás citada – diz M(arcus) · VLPIVS · OBIDDVS · H(ic) · S(itus) E(st), sendo perfeitamente clara a grafia com dois DD, que não é erro do lapicida mas obediência ao costume atestado noutras palavras da área celtibérica, como tive ocasião de documentar.⁴⁴

A estela seguinte atesta um grau mais avançado de aculturação:

D(is) MA(nibus) S(acrum) / ATELLIVS / CLEMES / TANGINA

É o caso de já começar por uma consagração aos deuses Manes, passível, pois, de a colocar na 2ª metade do século I da nossa era. E, se a grafia *Clemes* por *Clemens* é assaz usual durante todo o Império, interpreto a ausência de *praenomen* como indício desse primeiro contacto com a forma de se identificar à latina.

Escrevia-se atrás, citando Vallejo, que os nomes indígenas da Lusitânia central não pareciam ter tido grande voga no *conventus Pacensis*. É verdade; contudo, aqui está um caso em que nos surge *Tangina*, ainda não se sabendo muito bem como a enquadrar no texto, dado que será, mui verosimilmente, a dedicante, mas o lapicida ainda não tinha muito bem a ideia de como é que havia de fazer...

Resta-nos *Atellius*, um *hapax* em território lusitano, mas com testemunhos concentrados na zona de Cartagena e Granada, circunstância que nos sugere alguém vindo de lá expressamente para aqui. O *nomen* está também documentado na epigrafia da cidade de Roma: uma dezena de casos, sendo vários de libertos.

CONCLUSÕES

Naturalmente, selecionei as epígrafes que se me afiguraram mais significativas para traçar o panorama antroponímico deste Sudoeste, que centrei nas áreas dos actuais concelhos de Aljustrel, Ourique e Castro Verde.

Deixei de parte: a estela funerária de *Ladronus Dovai Bracarus castello Durbede*, por se tratar de um imigrante (IRCP 122); as epígrafes cuja leitura oferece dúvidas (IRCP 123, 125, 132, 138, 140 e 141); a ara IRCP 134, por se situar num horizonte cronológico mais avançado, o século II; a placa IRCP 137, que se reveste já de características mais ‘clássicas’, digamos assim, na sua concepção e onomástica perfeitamente latina. O epitáfio *Lucius Licinius Fuscus h(ic) s(itus)* (IRCP 132) poderia ter sido também integrado no rol; no entanto, optei por não ser exaustivo.

No final de tão sumária apresentação, creio ter ficado bem evidenciada a singularidade cultural desta região da Lusitânia romana, sobretudo no que da antroponímia ali patente se destaca:

⁴⁴ J. D'ENCARNAÇÃO, *Os Romanos de Castro Verde (Conventus Pacensis, Lusitania)*, 197 s.

1 – A adopção de gentílicos de bom recorte latino, mas não muito atestados no Império, sendo particularmente notável o facto de vários deles estarem bem representados na capital da província, *Emerita Augusta*, e em *Felicitas Iulia Olisipo*, e de um nome imperial, *Iulius*, ocupar lugar de relevo, a mostrar a precoce aculturação onomástica das gentes.

2 – A escolha de inusitados cognomes, de que poucos testemunhos há noutras áreas e que, de um modo geral, revelam contaminação de vocábulos etimologicamente celtibéricos.

3 – Realce-se, finalmente, a continuidade estética patente na tipologia dos monumentos. Há nítidas semelhanças entre as estelas da Idade do Ferro com escrita que se tem classificado «do Sudoeste», eventualmente «tartéssica», como também se tem designado, e as estelas que acabámos de estudar: o mesmo aproveitamento rude da face a epigrafar sem preocupação de afeiçoamento dos contornos; o cuidado no alisamento do campo epigráfico propriamente dito com a gravação de linhas auxiliares que acabam por servir também objectivos estéticos.⁴⁵ Dir-se-á que isso deriva de o material de suporte – o xisto grauváquico local – ser o mesmo; influi, decerto, mas tão notórias semelhanças ultrapassam a mera coincidência material. E se colocarmos lado a lado uma estela pré-romana e, a título de exemplo, uma outra que não referimos, por estar um tudo-nada mais afastada da zona que escolhemos, mas que se situa, sem dúvida, no mesmo horizonte cultural, a estela da família de *C. Iulius Arenius* (IRCP 66), ficamos, creio, bem elucidados (Fig. 10 e 11).

Ou seja, esta área revelou-se, logo desde os primeiros tempos romanos, como importante pólo de atracção, sendo passível de garantir que a vizinhança das minas de Aljustrel (*vicus metallum Vipascense*) e, de certeza, de muitos outros filões do que hoje chamamos «a faixa piritosa do Alentejo» exerceu papel preponderante, de que os *castella* dados a conhecer por Manuel e Maria Maia podem ter constituído centros directamente ligados a pequenas explorações e à sua necessária defesa.

O depósito votivo de Santa Bárbara de Padrões desempenhou, por outro lado, a imprescindível função de congregação das populações em torno das suas devoções preferidas e não suscitou dúvidas João Pedro Bernardes⁴⁶ quando, pesados prós e contras, optou por aí localizar a cidade de *Arandis*, sobre cuja situação tanto se havia especulado. É que, para além das inúmeras lucernas ali depositadas, outros vestígios se encontraram dignos de registo e valorização. Aliás, embora desconhecendo a possibilidade, ora afirmada, de *Aranni* = *Arandis* se situar em Santa Bárbara, Jordán Cólera⁴⁷ refere-se à cidade lusitana de *Arandis* e, concomitantemente, aos «topónimos modernos de *Aranda* de Moncayo y *Arándiga* (ambos em Zaragoza)», o que vem ao encontro do relacionamento constante que acabámos por fazer entre o Sudoeste da Lusitânia e a área predominantemente celtibérica da Península, notabilizadas as duas pela riqueza das suas explorações mineiras.

Discute-se a origem do topónimo Ourique;⁴⁸ é sempre aliciante, porém, relacioná-lo com a palavra ‘ouro’, *aurus* em latim, inclusive tendo em conta que, na verdade, muitos objectos de ouro, vindos inclusive dos tempos imediatamente anteriores aos Romanos, foram achados nas redondezas e figuram hoje em colecções particulares, como já tive ocasião de mostrar.⁴⁹

⁴⁵ Tive ocasião de chamar a atenção para essa continuidade assim que comecei o estudo da epigrafia do *conventus Pacensis* (J. D’ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, 299).

⁴⁶ J. P. BERNARDES, A propósito da localização de Aranni/Arandis, *Conimbriga* 45, 2006, 153-164.

⁴⁷ C. JORDÁN CÓLERA, *op. cit.*, 332.

⁴⁸ J. DE ALARCÃO, *Ourique – O Lugar Controverso*, Porto 2015, 9.

⁴⁹ J. D’ENCARNAÇÃO, Os Romanos de Castro Verde (*Conventus Pacensis*, Lusitania), fig. 6 y 7.

As minas – de minérios de ferro, de cobre, mas também com filões de elevado teor argentífero e aurífero... – terão sido, pois, o verdadeiro pólo de atracção; e tão vasta e multifacetada fora (e ainda estava, porventura, a ser!) a sua exploração que, passado mais de um século (já essa actividade não seria o que havia sido!...), o imperador Adriano decidiu pôr ordem numa empresa que doravante era necessário que rendesse mais aos cofres do Estado do que ao enriquecimento de uns tantos particulares. E aí estão as tábuas de bronze da *lex metalli Vipascensis* (IRCP 142 e 143), a testemunhar o que – por conveniência de muitos, decerto... – por largo tempo se deixara processar sem uma legislação de rigor!

ABREVIATURAS

AE = *L'Année Épigraphique*. Paris. [Cita-se com o ano e o nº da inscrição].

CIL = *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Academia das Ciências de Berlim.

CIL II = E. HÜBNER, *Corpus Inscriptionum Latinarum – II*, Berlim 1869 e 1892.

EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby, acessível em <http://www.manfredclaus.de/gb/>

HEpOL = *Hispania Epigraphica on line*: <http://eda-bea.es/>

ILER = J. VIVES, *Inscripciones Latinas de la España Romana*, Barcelona, 1971 e 1972.

IRCP = J. d'ENCARNAÇÃO, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra 1984. <http://hdl.handle.net/10316/578>